

PRÁXIS, CRIATIVIDADE E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Rosilene Lisboa da Costa Silva

<https://orcid.org/0009-0003-2184-7593>

E-mail: ros.lisboa@hotmail.com

Sara Tatiane Tavares Barreto

<https://orcid.org/0009-0001-5172-6931>

E-mail: sr.tati@hotmail.com

Tatiane Fernandes do Nascimento

<https://orcid.org/0009-0006-2508-0264>

E-mail: mouratatiane7@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-15>

RESUMO: Este artigo analisa a práxis pedagógica como elemento estruturante para o desenvolvimento da criatividade e da aprendizagem significativa. Fundamentado na articulação entre ação e reflexão crítica proposta por Paulo Freire, o estudo explora como a mediação docente pode superar a educação mecânica. Com suporte teórico em Vygotsky, Piaget e na BNCC, discute-se o papel da imaginação criadora na formação de sujeitos autônomos e críticos. Conclui-se que a escola, ao incentivar o protagonismo discente e o diálogo, transforma-se em um espaço de emancipação, onde a criatividade não é apenas uma habilidade, mas uma ferramenta ética e política para a transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Práxis. Criatividade. Aprendizagem Significativa.

PRAXIS, CREATIVITY, AND MEANINGFUL LEARNING

ABSTRACT: This article analyzes pedagogical praxis as a structural element for the development of creativity and meaningful learning. Grounded in the articulation between action and critical reflection proposed by Paulo Freire, the study explores how teaching mediation can overcome mechanical education. With theoretical support from Vygotsky, Piaget, and the BNCC (National Common Curricular Base), it discusses the role of creative imagination in the formation of autonomous and critical subjects. It is concluded that the school, by encouraging student protagonism and dialogue, transforms into a space of emancipation, where creativity is not merely a skill but an ethical and political tool for social transformation.

KEYWORDS: Praxis. Creativity. Meaningful Learning.

INTRODUÇÃO

A compreensão da práxis como motor da criatividade na aprendizagem significativa constitui um eixo central para pensar uma educação comprometida com a formação integral e emancipadora dos sujeitos. Fundamentada especialmente no pensamento de Paulo Freire, a práxis é entendida como a articulação entre ação e reflexão crítica,

orientada à transformação da realidade. Tal perspectiva rompe com práticas pedagógicas mecânicas e transmissivas, valorizando o diálogo, a intencionalidade e o protagonismo dos educandos.

Nesse cenário, a criatividade e a imaginação criadora assumem papel fundamental, pois ampliam a capacidade do estudante de questionar, produzir e reinventar conhecimentos. Teóricos como Vigotski e Piaget reforçam que tais capacidades não são apenas atributos individuais, mas processos desenvolvidos na interação social, mediados pela linguagem, pelo desafio cognitivo e pela problematização. Assim, o papel do professor desloca-se de uma postura centrada na transmissão de conteúdos para uma mediação sensível, ética e provocadora, capaz de favorecer experiências significativas de invenção e reflexão.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também sustenta essa concepção ao indicar competências relacionadas à criatividade, ao pensamento crítico e à autonomia como essenciais à formação contemporânea. Dessa forma, refletir sobre a práxis pedagógica criativa implica reconhecer a escola como espaço de construção coletiva do saber, de desenvolvimento da autonomia intelectual e de transformação social. É a partir dessas premissas que este artigo discute o potencial da práxis como elemento estruturante de processos educativos que valorizam a imaginação, a criação e o engajamento crítico dos estudantes.

A PRÁXIS COMO MOTOR DA CRIATIVIDADE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

O conceito de práxis ocupa um lugar central nas discussões contemporâneas sobre educação crítica e emancipadora. Derivado do grego *praxis*, que significa “ação”, esse termo foi originalmente trabalhado por Aristóteles para distinguir a ação ética e política (*práxis*) da produção técnica (*poiesis*) e da teoria pura (*theoria*). No campo educativo, porém, a práxis ganha densidade filosófica e política a partir do pensamento marxista e, sobretudo, nas contribuições de Paulo Freire.

Na perspectiva freireana, a práxis é compreendida como a articulação entre ação e reflexão, voltada à transformação da realidade. Trata-se de uma ação consciente, crítica e



intencional, que se opõe à repetição mecânica e à alienação. Para Freire (1987), o ato educativo deve ir além da mera transmissão de saberes; deve possibilitar que educadores e educandos compreendam criticamente o mundo em que vivem e, a partir disso, atuem para transformá-lo. Em suas palavras: “Práxis é a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” (Freire, 1987, p. 40).

Essa definição rompe com a lógica tradicional da educação bancária, que reduz o aluno a um recipiente passivo de conteúdo. Em vez disso, propõe uma educação dialógica, baseada no respeito, na escuta e na construção coletiva do conhecimento. A práxis, portanto, não é uma prática qualquer; ela é ação comprometida com a transformação social, fundada na reflexão crítica sobre a realidade concreta.

Portanto, é imprescindível distinguirmos a prática mecânica da práxis crítica e consciente. Pois, enquanto a prática mecânica se manifesta como uma repetição de rotinas, técnicas e conteúdos descontextualizados, muitas vezes sem sentido para o educando, a práxis exige intencionalidade pedagógica, sensibilidade para a escuta e compromisso com a realidade vivida pelos sujeitos. A prática desprovida de reflexão pode até cumprir tarefas, mas não forma sujeitos autônomos e críticos.

Como bem aponta Paulo Freire:

Há uma grande diferença entre prática e práxis. A prática vazia, a repetição, o fazer sem reflexão crítica, transforma o educador em técnico reproduutor de conteúdos. Já a práxis implica reflexão e ação. Implica consciência e responsabilidade. É o educador comprometido com a mudança, com a libertação, com a humanização do processo educativo (Freire, 1996, p. 43).

Dessa forma, compreender a educação como práxis significa reconhecer a escola como espaço de ação crítica, criativa e transformadora. O educador deixa de ser um mero aplicador de técnicas pedagógicas e torna-se um sujeito ativo na promoção de experiências significativas, que valorizem os saberes dos alunos e fomentem a construção do conhecimento de forma dialógica e comprometida com a transformação da realidade.

Nesse contexto, a criatividade deve ser compreendida como uma capacidade fundamental para o desenvolvimento da autonomia intelectual e para a constituição de uma práxis pedagógica crítica e transformadora. Longe de ser apenas uma habilidade artística ou espontânea, a criatividade, quando inserida no processo educativo, revela-se como

uma ferramenta potente para a construção do conhecimento, a solução de problemas e a reinvenção constante da realidade vivida. Ao possibilitar que o estudante imagine, crie, questione e proponha alternativas, a criatividade rompe com práticas pedagógicas repetitivas e engessadas, e se torna um vetor de autonomia e reflexão. Nesse sentido, a escola deve se configurar como um espaço aberto à experimentação e ao erro, no qual a liberdade de expressão seja incentivada como parte essencial do aprender.

Na perspectiva freireana, essa postura implica reconhecer o aluno como protagonista do processo educativo e o professor como mediador e provocador de novas possibilidades. A educação, portanto, precisa provocar situações que mobilizem a imaginação e a invenção, a fim de formar sujeitos capazes de agir sobre o mundo com criticidade. Como afirma Freire:

A criatividade do educando não pode ser sufocada pela rigidez do educador. Ensinar exige alegria e esperança. Ensinar exige coragem para lutar por uma pedagogia que permita ao educando dizer sua palavra, criar, reinventar, transformar. É preciso ousar para formar mentes autônomas e corações libertos (Freire, 1996, p. 94).

Dessa forma, a criatividade deixa de ser um luxo pedagógico e passa a ser um elemento constitutivo da práxis, pois convida à ação-reflexão consciente sobre a realidade e à invenção de novos modos de ser e viver. A autonomia intelectual, por sua vez, é favorecida quando o educando se vê desafiado a pensar com liberdade, a fazer escolhas e a participar ativamente na construção do saber. A práxis pedagógica que valoriza a criatividade é, portanto, uma prática ética e política que se compromete com a formação integral dos sujeitos e com a transformação social.

A imaginação criadora ocupa um lugar central nos processos de ensino e aprendizagem que visam à formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos. No campo educacional, essa dimensão imaginativa não deve ser compreendida como mera fantasia ou invenção desconectada da realidade, mas como uma potência humana capaz de articular experiências vividas, projeções de futuro e transformações concretas. Portanto, o papel do professor torna-se estratégico: ele é chamado a atuar não apenas como transmissor de conteúdo, mas como mediador, provocador e facilitador da imaginação criadora dos estudantes.

O educador que reconhece a potência criadora da imaginação promove práticas

pedagógicas que valorizam o diálogo, o erro como parte do processo, a liberdade de expressão e a resolução inventiva de problemas. Sua tarefa é a de organizar situações didáticas que desafiem os estudantes a sair da repetição e da passividade, estimulando-os a pensar de forma divergente, a elaborar hipóteses e a propor novas formas de compreender o mundo. Nesse sentido, Ken Robinson (2012, p. 238) afirma: “Todos os alunos têm interesses e estilos de aprendizado diferentes. As matérias ensinadas (e a forma como isso ocorre) precisam captar suas energias e imaginação e estar em sintonia com as diferentes formas de aprendizado”.

A partir dessa perspectiva, a função docente se desloca de uma lógica autoritária para uma postura ética e sensível, que acolhe a subjetividade dos estudantes e reconhece o valor dos saberes oriundos de suas experiências. Mediar a imaginação criadora é, portanto, provocar o pensamento, oferecer repertório simbólico, e ao mesmo tempo permitir o espaço necessário para que a criatividade emerja como expressão legítima da aprendizagem significativa. Assim, o professor torna-se coautor do processo criativo, compartilhando com seus alunos o protagonismo da construção do conhecimento e da transformação da realidade.

Essa atuação docente como facilitador da imaginação criadora encontra respaldo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que ressalta a importância do desenvolvimento de competências voltadas à autonomia, ao pensamento crítico e à criatividade. A primeira competência geral da BNCC (2017) destaca: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar com a sociedade” (Brasil, 2017, p. 8).

Essa diretriz evidencia que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas criar oportunidades para que os alunos interpretem, recriem e transformem a realidade em que vivem. Para isso, é essencial que os educadores incentivem a imaginação e a criatividade como processos vinculados ao pensamento reflexivo e à ação transformadora, ou seja, à práxis.

Sob a perspectiva de Ausubel (2003), a aprendizagem significativa ocorre quando o novo conhecimento se relaciona de maneira coerente e relevante com os conhecimentos prévios do estudante, permitindo interpretar, integrar e atribuir sentido às informações.

Assim, compreender o que o aluno já sabe torna-se condição essencial para promover uma práxis pedagógica que favoreça processos criativos e reflexivos, pois somente quando o conteúdo dialoga com a experiência do educando ele se torna realmente significativo.

Nesse horizonte, Ausubel afirma que aprender envolve a interação entre aspectos cognitivos e afetivos (Moreira, 1999), pois a construção de sentido depende tanto da estrutura mental quanto das experiências pessoais do estudante. Por isso, cabe ao professor identificar saberes prévios e planejar intervenções que os mobilizem, evitando aprendizagens mecânicas e possibilitando que novos conhecimentos sejam elaborados de forma autêntica. Quando o ensino parte dessas referências, amplia-se o potencial de imaginação, autoria e criação, fortalecendo uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

Sob a ótica da psicologia histórico-cultural, Vigotski (2014) também comprehende a imaginação como uma capacidade humana superior, que se desenvolve socialmente a partir das interações mediadas pela linguagem. Segundo ele, a imaginação permite ao sujeito ir além da experiência imediata, combinando elementos da realidade para projetar novas situações, ideias e possibilidades: “A imaginação é um processo psicológico complexo que se apoia na experiência anterior do homem e, com base nela, cria novas combinações que não existem no momento presente da realidade perceptiva” (Vigotski, 2014, p. 16).

Nesse contexto, o professor é aquele que cria condições sociais e culturais para o exercício dessa imaginação, incentivando a livre associação de ideias, a resolução de problemas abertos e a expressão criativa por meio da linguagem, das artes e das ciências. A mediação docente, portanto, é essencial para que o potencial imaginativo do aluno se desenvolva e se converta em aprendizagem significativa.

Já na abordagem de Jean Piaget, o professor deve respeitar o desenvolvimento cognitivo do aluno, promovendo situações que desafiem seu raciocínio e estimulem a autonomia intelectual. A criatividade, nesse sentido, surge como produto do desequilíbrio cognitivo, da necessidade de reorganizar o pensamento para compreender novas situações.

Segundo Piaget (2014, p. 56),

O papel do educador não é transmitir simplesmente conhecimentos prontos, mas criar condições para que o educando construa seu próprio saber, por meio da atividade e do contato direto com os problemas que lhe sejam desafiadores, respeitando o ritmo e o nível de desenvolvimento de cada criança.

Com isso, reforça-se a ideia de que o papel do educador é estimular a curiosidade, propor desafios e favorecer a construção ativa do conhecimento, o que exige não apenas domínio técnico, mas sensibilidade para reconhecer o momento em que o estudante está pronto para avançar em seu processo de aprendizagem e criação.

Diante das reflexões apresentadas, torna-se evidente que uma docência comprometida com a formação integral do sujeito exige um posicionamento ético, político e pedagógico que reconheça a importância da imaginação criadora, da criatividade e da autonomia intelectual como dimensões indissociáveis de uma educação significativa e transformadora.

Ao atuar como mediador, provocador e facilitador de experiências formativas, o educador assume uma função essencial na constituição de ambientes de aprendizagem que valorizem o pensamento divergente, a liberdade de expressão, a escuta ativa e a construção coletiva do saber. Essa atuação se alinha à concepção de práxis pedagógica, compreendida como a articulação entre ação e reflexão crítica voltada à transformação da realidade. Conforme defendem Freire, Vigotski, Piaget e Robinson, aprender não é apenas adquirir informações, mas viver um processo de reorganização subjetiva e social, impulsionado por desafios cognitivos e afetivos mediados pela ação educativa.

Nesse cenário, a BNCC (2017) também fortalece essa perspectiva ao enfatizar competências que favorecem a criatividade, a criticidade e o protagonismo dos estudantes. A valorização das experiências individuais, da cultura e das múltiplas linguagens contribui para que o processo de ensino-aprendizagem respeite a singularidade de cada aluno, promovendo uma formação pautada no respeito, na colaboração e na liberdade de pensar e criar.

Enfim, a escola que reconhece e incentiva a imaginação criadora transforma-se em espaço de invenção, diálogo e emancipação. O professor, por sua vez, é chamado a ser articulador de sentidos, alguém que inspira, que provoca e que abre caminhos para que

seus alunos se reconheçam como sujeitos históricos, criativos e capazes de reinventar a si mesmos e o mundo em que vivem.

No cotidiano escolar, a práxis criativa manifesta-se em diferentes estratégias e metodologias que estimulam a participação ativa e reflexiva dos estudantes. Projetos interdisciplinares, resolução de problemas reais da comunidade, uso de metodologias ativas, criação artística, rodas de conversa e atividades investigativas são exemplos de práticas que articulam ação e reflexão de forma dinâmica. Essas experiências possibilitam que o aluno se reconheça como sujeito de sua aprendizagem, ampliando sua autonomia intelectual e sua capacidade de transformar a realidade em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo evidencia que a práxis, entendida como ação aliada à reflexão crítica, é fundamental para uma educação comprometida com a transformação social. Nessa perspectiva, a criatividade e a imaginação criadora deixam de ser elementos secundários e tornam-se dimensões centrais da aprendizagem significativa, pois favorecem a autonomia, o pensamento crítico e a participação ativa do estudante.

As contribuições de Freire, Vigotski, Piaget e Robinson mostram que a criatividade se desenvolve por meio do diálogo, da mediação sensível do professor e de desafios cognitivos que estimulam novos modos de pensar e agir. A BNCC reforça essa orientação ao destacar competências que valorizam o protagonismo, a criatividade e a capacidade de interpretar e transformar a realidade.

Assim, conclui-se que práticas pedagógicas fundamentadas na práxis criadora tornam a escola um espaço de humanização, diálogo e emancipação, onde o professor atua como mediador e os estudantes assumem o papel de sujeitos críticos e inventivos de sua própria aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva.** Lisboa: Plátano, 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC,



2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Tradução de Maria Eugênia Veríssimo Veronese; organização de C. M. B. Saltini e C. Cavenaghi. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014.

ROBINSON, Ken. **Libertando o poder criativo**: a chave para o crescimento pessoal e das organizações. Tradução de Rosemarie Zielgelmaier. São Paulo: HSM Editora, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criatividade na infância**. Tradução do russo e introdução de João Pedro Fróis; revisão técnica e da tradução de Solange Affeche. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

Submissão: setembro de 2025. Aceite: outubro de 2025. Publicação: janeiro de 2026.